

E nos lembraremos de todos...

NANCY ROZENCHAN

Professora titular de Literatura do Programa de Estudos Judaicos da Universidade de São Paulo

RESUMO A literatura hebraica dos últimos sessenta anos estendeu-se por uma ampla gama de temas e abordagens que abrangem todos os campos da existência do país e da “israelidade”. Considerando que este conceito, durante o período mencionado, sofreu e sofre uma grande influência dos acontecimentos ligados às principais lutas do país, da Guerra da Independência às guerras no Líbano, este trabalho, ao rever a literatura do período, fixou-se em obras que servem para dissecar como os escritores selecionados entenderam os graves fatos ligados a elas e a respectiva repercussão de suas obras.

PALAVRAS-CHAVE Literatura hebraica, literatura israelense, literatura israelense de 1948 a 2008, israelidade.

ABSTRACT Hebrew literature in the last sixty years has addressed a broad gamut of themes and approaches encompassing all the fields of life in Israel and its “Israeliness”. Considering that during this period of time the concept of Israeliness has been under a great influence of the events connected to the main struggles of the country, from Independence War to the wars in Lebanon, this article proposes to review the literature of the period, concentrating in literary works fitting to the purpose of finding out how selected writers understood the grave facts connected to the wars and how their works echoed in Israeli society.

KEYWORDS Hebrew literature, Israeli literature, Israeli literature from 1948 to 2008, Israeliness.

HÁ QUASE SESSENTA ANOS FOI COMPOSTO O POEMA “HAREÚT” (“O COMPANHEIRISMO”) por Haim Guri e, em seguida, musicado por Sacha Argov [1914-1995]. Passara-se quase um ano desde a Guerra da Independência de Israel. Ele trata da lembrança dos que tombaram na guerra pelo estabelecimento do Estado judaico. Desde então, tornou-se um emblema da cultura israelense, gravado por inúmeros intérpretes e cantado em cerimônias de rememoração, com o mesmo sentimento daquela época. Por ocasião do sexagésimo aniversário do país, em 2008, esta canção foi escolhida pelos ouvintes da rádio do exército, basicamente militares e jovens, como a música hebraica mais apreciada, sobrepondo-se até à famosa composição “Jerusalém de ouro” [1967], de Naomi Shemer [1930-2004]. Esta escolha é bastante significativa: aponta para o profundo sentido de conceitos como amizade e fraternidade dentre os combatentes tanto do passado como do presente.

O poema representa os ideais sociais do período de 1948 – sacrifício pela pátria, a preocupação do indivíduo pelo coletivo, o companheirismo entre os combatentes e, principalmente, a lembrança e apreço pelo sacrifício dos que caíram na guerra. Um dos versos do poema, “E nos lembraremos de todos”, transformou-se no lema central de perpetuação dos nomes dos mortos em luta ou em ações envolvendo militares. Alguns dos outros versos do poema fazem igualmente referência aos caídos: “já se passou um ano e restamos poucos/são tantos os que já não se encontram entre nós”. Como um dos sinais da posição de então, o poema, escrito em primeira pessoa do plural, acentua a sensação do coletivo, sustentada nos sentimentos mencionados. O termo “companhei-

rismo”, que representa o âmago deste poema de Guri, tornou-se um dos valores oficiais e formais preconizados pelo exército israelense. E, com o assassinato do antigo comandante militar e herói da Guerra dos Seis Dias, o primeiro-ministro Its’hak Rabin [1922-1995], fã desta música, ela passou a simbolizar o seu legado e ambição.

A figura dos jovens da geração, conforme Guri a delineou, tornou-se o perfil de todos os que lutaram pelo país, que ansiaram pela sua existência: “*Yefei hablorit vebatôar*”, os de topete e bela aparência ou, simplesmente, “os belos rapazes”. Talvez um tanto romântica para os dias atuais, esta imagem do jovem – bonito e de belos sentimentos, porém, continua tão presente e firme como sempre para definir toda uma geração que esteve disposta a dar o seu sangue pela nação que se constituía. Sessenta anos depois, entretanto, em referência à geração atual, isto é apresentado com muita frequência em tom de nostalgia, como algo ligado ao passado, e que o presente não conta mais com tais belas almas. O motivo para isto já era encontrado no mesmo poema: “Um amor santificado pelo sangue/fará [o companheirismo] florescer novamente”. Se é inimaginável que o anseio pelo companheirismo e os ideais que ele sustentou não mais façam parte do ser israelense, é preciso também ter em mente o que todas ou quase todas as vozes são unânimes em excluir, é que se deva chegar a “santificação pelo sangue”. Seguidamente as vozes se fazem ouvir contra isto. A incongruência de situações tão polarizadas é um reflexo das dificuldades com que israelenses se debatem cotidianamente, tanto em nível pessoal como em nível nacional, e que solapam a sua existência. Lembrar de todos é fundamental, condenar parcela da juventude atual à morte é desumano.

Guri, nascido em 1923 e que esteve envolvido naquela guerra, escreveu ainda outros poemas

sobre a dor das perdas, como “*Hinë mutalot gufoté-inu*” (“Eis que jazem os nossos cadáveres”), pelos companheiros massacrados na estrada bloqueada de Gush Etsion, no caminho de Hebron. Sessenta anos depois da independência, o clamor ante os cadáveres de soldados israelenses recebidos em troca de matadores aclamados publicamente ao serem recebidos como heróis, faz reconsiderar conceitos de heroísmo e de sentido da guerra.

Sessenta anos após a independência, a literatura hebraica, que tantas vezes serviu para enaltecer feitos e conquistas nacionais, presta-se, por meio de novas obras ou releitura de antigas, para mostrar quantos mitos, que serviram para constituir o orgulho nacional que nutriu e sustentou a população, a cuja disposição havia muito pouco para construir a nação independente, esboroaram-se neste meio tempo. Falhas, fracassos, novas guerras e ameaças intimidantes minam o recurso físico e emocional com que conta a nação hebraica. Tabus da cultura israelense contemporânea, como a *Shoá*, vítimas do terror e morte de soldados, assuntos de difícil abordagem, ao serem revistos, dão a dimensão dos contornos da israelidade contemporânea e indicam que o tratamento destes temas, talvez pouco conhecido no Brasil, sempre procurou expor feridas e cicatrizes, por mais dolorosas que fossem.

Por ser alvo frequente de análises e comentários, a temática da *Shoá* será deixada de lado. Uns poucos exemplos servirão para fins de revisão dos outros temas tabus. Para um israelense, basta um substantivo apenas, por vezes, para que aquilo que se encontra por trás do mesmo revele uma posição de época e consiga despertar uma reflexão atualizada, diante das duras realidades atuais que obrigam a levantar as questões: por que a existência e a sobrevivência do país são tão sofridas? Por que não se consegue enxergar a saída para a paz e uma forma de convivência razoável com os árabes? Não é por acaso

que os “belos rapazes”, “de que nos lembraremos”, expressões presentes com frequência no linguajar que aborda as situações intoleráveis de derramamento de sangue da juventude em particular, são hoje eivadas de uma amargura insuportável.

A revisão de algumas obras e autores de destaque ilustrará a releitura de determinados capítulos da literatura israelense do período.

Moshê Shamir [1921-2004], o mais famoso escritor da Geração de 48, a Geração da Independência, despertou a ira da esquerda, à qual estava vinculado, pelo que parecia constituir “desvios ideológicos” expostos em seus livros. *Hu balach bassadot* (“Ele caminhou pelos campos”), de 1947, ficou engavetado por algum tempo por este motivo; graças à escrita de uma peça baseada no mesmo livro, pelo mesmo Shamir, e sua representação pelo Teatro Cameri, considerada a primeira peça realmente israelense, esta obra passou a ocupar um lugar central na literatura de então. Tendo como pano de fundo a luta contra ingleses e árabes, *Ele caminhou pelos campos* descreveu a vida de Uri, combatente da Palmach – as tropas de choque, seu amor por Mika, uma imigrante sobrevivente da *Shoá*, e morte do jovem durante o treinamento militar. Moshê Shamir quis simplesmente escrever sobre a vida de um homem cuja morte já é conhecida de antemão e que não surpreende o leitor. Os jovens da época, a quem o livro foi destinado, viviam em uma sensação de ameaça existencial cujo potencial talvez seja difícil de captar atualmente. Eles santificavam os mortos e os transformaram naqueles rapazes “lindos, de topete, e boa aparência”, porque não podiam fazer outra coisa: na dificuldade de estabelecer uma idealização da morte, na ausência de histórias suficientes de heroísmo, o que podia ser dito a respeito da vida destes jovens?

Uri foi constituído não só da beleza extraída do modelo do realismo socialista então em voga,

mas também da gama de características positivas necessárias na época. O kibutz, considerado o ápice da criação social da cultura de então, foi o lar de Uri. Como todo jovem membro do kibutz, ele foi obrigado a se submeter à aceitação das normas e decisões do coletivo, o que, é óbvio, criou uma figura literária interessante; ele é “a cara” do país, se nos permitimos traduzir livremente a expressão cunhada pelo poeta Shaul Tchernihovski, “a pessoa tem a aparência que é moldada pela sua pátria”. O molde? Seus pais que labutam na construção da sociedade e do país. Os valores coletivos acima de tudo. Haveria lugar para a felicidade pessoal no grande quadro da vida perpassada de ideologia e valores?

O amor de Mika e Uri é fadado ao fracasso, não só devido às suas diferenças pessoais, mas porque ambos são vítimas de uma história maior, as relações entre uma sobrevivente da *Shoá* e alguém moldado a ser o herói de uma época. Ela não tem história, mal tem uma biografia; sua vida pouco tem a ver com a existência em um kibutz onde ela não é absorvível. Segundo Shamir, “ela não é dos nossos”. E, ainda assim, ela é necessária para contracenar, mas esta não é a história dela.

O personagem Uri transformou-se no símbolo de toda a geração e foi considerado o protótipo do *sabra*, o israelense nativo, bravo, corajoso, altruísta. Houve uma identificação correta do personagem central com o mito israelense, alguém muito jovem ante uma encruzilhada. Esta imagem foi das mais duradouras na cena israelense. Na década de 1960, ainda com o mesmo vigor, foi o centro de uma dramatização do texto para o rádio. O auge desta modelagem foi atingido em 1967, quando o texto se transformou em filme, tendo como ator central Assi Dayan, filho de uma das maiores figuras da cena política e militar, o já então legendário general Moshê Dayan. O jovem Assi Dayan, então um “lindo rapaz, de topete e boa aparência”, tornou-se

o ídolo e modelo.

Hoje se considera que o filme já traz o início do dismantelamento da figura do *sabra* que em Shamir tinha atingido um dos pontos altos do bravo personagem nativo. O filme foi composto de duas histórias; a principal delas transcorria nos anos sessenta e descrevia o filho do falecido Uri, que recorda a vida e morte do pai na batalha do país. A figura mitológica do livro, que morria em um acidente durante treinamento militar, estava desgastada. Assim, é numa batalha que ele terá o seu fim. Em 1987, Shamir voltou ao texto; ele foi novamente dramatizado para o rádio. Desta vez, porém, foi seguido por *Sdot 87* (“Campos de 87”), com descrição das personagens originais quarenta anos mais tarde em relação ao livro, e vinte anos em relação ao filme. Este novo texto, essencialmente sombrio, descreveu a deterioração que tomou conta da sociedade israelense e de sua ideologia desde a época de Uri. Pode-se considerar o livro/peça original, o filme e o último texto radiofônico como uma espécie de trilogia que descreve o que aconteceu à sociedade israelense do kibutz ao longo de quarenta anos e, em especial, o que aconteceu ao mito do *sabra* no decorrer deste período.

Releituras de importantes obras surgidas nas décadas desde que se constituiu a nação israelense condizem com a necessidade de adequação às concepções atuais sobre a israelidade, a existência da nação judaica e seu caráter, o sentido de suas atitudes e guerras, incluindo também as conceituações desenvolvidas pelos assim denominados novos historiadores e sociólogos e sua aceitação ou detratamento. Estes se tornaram conhecidos pela revisão que promoveram dos conceitos ligados ao sionismo e a Israel e seus atos.

Alguns dos livros de S. Iz’har [Iz’har Smilansky, 1916-2006], dos mais destacados autores de sua geração, assumiram uma importância redobrada

particularmente por este motivo. [*Sipur*] *Hirbet hize* (“A história de Hirbet Hize”), de sua autoria, publicado em 1949, foi um dos fatos literários mais relevantes da época e em referência à guerra de 1948. Era aparentemente um livro discreto; seu conteúdo, porém, provou ser explosivo. Numa época da verdade, por um profundo respeito à moral, Iz’har escreveu a história da expulsão dos árabes de uma imaginária aldeia árabe.

O romance, escrito em estilo lento, na linguagem sempre extraordinária do seu autor, entreteceu alusões bíblicas e linguajar contemporâneo. O relato se inicia em um dia de inverno, quase no final da guerra. Um destacamento de soldados israelenses espera uma ordem. Ninguém sabe aguardar como eles. A aldeia parece pacífica, mas, de acordo com relatórios do serviço de inteligência, os habitantes devem ser cercados, embarcados em caminhões e conduzidos para além das linhas israelenses. As casas deviam ser explodidas e as cabanas de barro ser queimadas. O narrador e seus companheiros vagueiam pelos campos, escalam uma colina e aguardam. Quando a ordem chega, a unidade começa a disparar. Os aldeões em fuga são cercados, embarcados em veículos e conduzidos para longe. Casas são destruídas. Então os soldados retornam para as suas próprias moradias.

Por ocasião da Guerra da Independência, populações árabes de várias aldeias foram evacuadas de forma semelhante. Iz’har, o primeiro que escreveu a respeito, ousou, assim, lançar dúvidas sobre a concretização do ideal da pureza das armas vigente naquela guerra. O desabafo final do soldado, observando a fuga dos habitantes, atormentado pela sua consciência, expressa o desalento ante a nova situação: “Esta é a aparência do exílio... Nunca estive em uma diáspora. Nunca soube como ela era, mas as pessoas falaram comigo, me contaram, me ensinaram, e repetiram de todos os lados, ... exílio...

O que foi que realmente fizemos hoje aqui?”

O livro logo despertou muitas reações contrárias, que consideraram o autor alguém que contribuía para o que denominaram de desmoralização do povo, o que, evidentemente, nem de longe representava o pensamento de Iz’har, ele próprio comissário de cultura na ocasião. Iz’har jamais colocou em dúvida a necessidade daquela guerra. Somente quis expor aquilo que não se assentou devidamente com sua correção de pensamento. Era um material muito potente para ser publicado em 1949, quando o país recém-nascido ainda lamentava os seus mortos e procurava estabelecer a justiça de sua causa. De acordo com a linha oficial da história israelense, mais de meio milhão de árabes que se tornaram refugiados durante a guerra tinham deixado as suas casas por instigação dos exércitos árabes invasores. Assim, políticos e militares da época clamaram pela censura do livro. A obra, porém, tornou-se uma das mais populares nos anos seguintes. O narrador sabia que os árabes tinham estado lutando e matando judeus. Mas, diversamente das pessoas ao seu redor, ele não era capaz de deixar que aquelas verdades maiores servissem como uma desculpa pela injustiça específica que ele estava perpetrando em Hirbet Hiza contra aqueles árabes em particular. O narrador nunca relata por que dá continuidade à operação. No final, ele volta para casa com a sua unidade. É verdade, ainda, que o livro, do ponto de partida de uma leitura atual, falha por não dar voz aos árabes escorraçados; naquela época isto foi impensável.

Em mais do que uma ocasião Iz’har desafiou os mitos sionistas e o código de ética dos soldados de Israel em guerra. Iz’har, que conviveu com árabes desde a infância, sempre foi consciente da dor dos vizinhos, começando com a angústia de sua deportação ou fuga em 1948 e até praticamente o final de sua vida. Em uma entrevista ao jornal

Haaretz (apud Avirama Golan) em 2005, ele disse: “A paisagem era um ponto fundamental de minha personalidade, assim eu via os árabes. A paisagem é o papel em que tudo é escrito, e depois ele é rasgado e as pessoas não olham para o papel”.

Foi em uma manifestação em 1994 sobre a dimensão política de seu desapontamento com o caminho do sionismo que Iz’har disse (apud Yits’hak Laor):

A primeira transgressão do equilíbrio foi quando vi como eles se comportaram com os árabes, com esta perturbação do equilíbrio moral, eu soube que algo no sionismo tinha acabado. A segunda vez foi quando Yehiam [Yehiam Weitz, primo, amigo e companheiro de batalhas] foi morto. Entendi, então, que, naquelas guerras, mesmo da Haganá [combatentes que atuaram antes da criação do Exército de Defesa Israelense], com todo o poder e a “luta” [pelo país], tinha acabado aquele mundo em que eu quero viver. Repentinamente ficou claro que existe algo declamatório, não verdadeiro, em todo o ativismo daqueles dias. Senti-me como estando de lado, isolado disto.

O livro passou a fazer parte dos programas escolares.

Quase trinta anos mais tarde, em 1978, a história de Hirbet Hize voltou a causar furor. Transformada em dramatização para a televisão, a ser exibida no único canal israelense então existente, governamental e simultaneamente autônomo, somente foi liberada após inúmeras manifestações pela liberdade de expressão. Foi o primeiro filme a expor a expulsão de árabes. Nas palavras de Ram Levi (apud Meirav Kristal), diretor do filme, “não quiseram que o público visse coisas que era conveniente ocultar. O filme apresenta fugitivos sendo conduzidos e expulsos; 400 aldeias foram apagadas.” Mitos como “viemos a uma terra deserta” e “todos os que estavam aqui fugiram” não podiam

ser desmentidos. Houve funcionários da televisão que não acreditaram no que o filme expôs; ainda assim lutaram pelo direito de exibição do mesmo. Em 2008, o livro foi publicado em inglês.

A tarefa literária de Iz'har em relação à Guerra da Independência seria ampliada em 1958 com outra obra fundamental e, neste caso, também monumental. Trata-se de *Yeméi tsiklag* (“Os dias de Ziklag”), mais de mil e cem páginas em dois volumes. A obra relata pensamentos e experiências de um pequeno destacamento de soldados enviados para tomar uma colina na Guerra da Independência. Estes soldados lutam pela sua pátria ao mesmo tempo em que estão bastante preocupados com suas necessidades básicas. Quando Iz'har se referiu neste livro ao heroísmo da morte em guerra como uma superioridade hipócrita, estava rejeitando tudo que tinha sido dito ou pensado por toda uma sociedade. Em entrevistas (apud Avirama Golan), Iz'har descreveu a guerra como uma carnificina encharcada de sangue, ao mesmo tempo em que abominou covardes e investiu contra aqueles que mentem a respeito da morte.

Logo após a independência de Israel, forças árabes atacaram o país; libaneses, sírios, legião árabe jordaniana, iraquianos, e, provenientes do sul, os egípcios, com o mais bem organizado destes exércitos. As forças israelenses estavam bem abaixo do poder de luta em relação a este último, seja em números de combatentes, seja no potencial bélico. Os egípcios invadiram o país por dois eixos. A resistência israelense mal pôde detê-los. Foram algumas semanas de dolorosas batalhas, com perdas físicas e de territórios consideráveis. As colônias agrícolas que não caíram sofreram um cerco que levou à falta de suprimentos. É esta a cena do livro de Iz'har, transposta em sua quase totalidade, com personagens identificáveis com os combatentes da batalha, exceto talvez, por um deles, representativo

do mencionado combatente Yehiam Weitz, já então morto. O livro foi recebido com grande clamor crítico, que se refletiu intensamente na imprensa e no debate político. A crítica, entusiasta, chocada, desagradada, esteve preocupada principalmente com as muitas passagens escritas em “fluxo de consciência”, um fluxo de reflexão, desejo erótico, dúvida, heresia e polêmica, que compõem os monólogos interiores durante a batalha. Deve-se destacar ainda que o livro manteve uma fidelidade do texto aos eventos da guerra, algo que prejudicou fatalmente a obra, quando considerada do ponto de vista da autonomia artística.

Depois desta guerra houve muitas outras, como é suficientemente sabido. O que justifica que se volte a recomendar a releitura de *Os dias de Ziklag*, como o fez Benny Ziffer, o editor-chefe do jornal *Haaretz*, por ocasião da morte do autor em 2006:

De *Os dias de Ziklag* também é possível aprender a respeito do significado da última guerra no Líbano, e no livro há todas as respostas ao protesto atual por parte de soldados da reserva como: eles não sabiam para que e por que estavam morrendo ou atacando ou não atacando, por que não havia equipamento e por que ninguém tem respostas. Em uma única página de *Os dias de Ziklag* há respostas a todas estas perguntas. Quer dizer, não há respostas a estas perguntas, como ele escreve: “Para onde estamos de fato correndo? Oh, é muito bom que estejamos correndo, não precisamos de nada mais e de nada diferente”.

Ziffer demonstrou satisfação pelo fato de ver na televisão o depoimento do escritor Yoram Kaniuk [1930-], que disse que esta guerra (Guerra do Líbano, 2006) era uma continuação da Guerra da Independência. Para ambos, Ziffer e Kaniuk, a Guerra da Independência não tinha terminado e não acabará até que as pessoas possam ler Iz'har e interiorizá-lo naturalmente. Somente quando o

entenderem ficará claro para os leitores que, como o autor, pertencem a esta terra na linguagem dele (Iz'har), ou seja, com todo o seu ser. Kaniuk, em outro contexto, disse recentemente: “Não éramos espertos. Lutei apaixonadamente pela independência sem realmente saber o que ela significava”.

A Guerra dos Seis Dias, em 1967, teve caráter diverso e diversas são também as manifestações artísticas a respeito dela. Não surgiram criações literárias do mesmo porte que aquelas suscitadas pela Guerra da Independência, nem em períodos posteriores. A vitória foi inebriante; todavia, após muitos anos foi reconhecida como catastrófica e incapaz de conduzir a um processo de paz significativo; as dúvidas sobre a prevalência dos ganhos com a guerra continuam gerando debates.

Ela deu origem à publicação de inúmeros álbuns comemorativos em que não faltaram ilustrações humilhantes dos vencidos. Estes álbuns, entretanto, tanto se louvaram os feitos e resultados como se serviram de elogio fúnebre aos mortos em combate, foram fundamentais para o fortalecimento da autoimagem do israelense como indivíduo ou como um todo, uma autoimagem ainda deprimida depois de muitos anos enfrentando os árabes e sem conseguir até então elevar de modo substancial as condições de vida das populações judaicas fugitivas e refugiadas, provenientes tanto da Europa como de países árabes.

A época registrou, além dos mencionados álbuns, uma produção considerável de caricaturas, histórias em quadrinhos, músicas, livros de piadas e infantis relativos aos eventos. Dentre os filmes mereceu destaque *Avanti Popolo*, de 1986, o mais importante sobre a Guerra dos Seis Dias, obra antitibética, desprovida de tom heróico. *Avanti Popolo*, dirigido por Rafi Bukai, descreveu o relacionamento complexo entre os israelenses vencedores e os egípcios derrotados. No ambiente de guerra,

desenvolveu uma crítica contra a violência israelense. Pela primeira vez, a Guerra dos Seis dias era descrita do ponto de vista dos soldados egípcios que até então eram mostrados como aqueles que fugiram descalços pela areia do deserto, sempre de forma depreciativa.

A Guerra dos Seis Dias, com sua carga de euforia e emotividade, contribuiu para mostrar que havia um anseio para recuperar valores espirituais da geração dos pais, uma busca de uma identidade pessoal a par dos esforços de voltar à memória coletiva.

Foi nos anos 1960 que surgiram novos escritores, jovens então, conhecidos do leitor brasileiro pelas traduções de suas obras, cuja escrita continua a ser aquela que, de modo geral, proporciona várias das coordenadas vigentes até hoje na ficção hebraica: A. B. Yehoshua [1936 -] e Amós Oz [1939 -], não tendo sido eles, todavia, os únicos que se destacaram. Nos primeiros contos destes autores, publicados respectivamente em 1962 e 1965, ocorreu uma mudança drástica em relação à combinação ideológica da ficção da geração da época da independência: as fendas que brotaram na ideologia convencional expressaram-se no desleixo em relação a temas sociais e políticos e em uma aproximação à temática individual-universal, simbólica e abstrata. Mas, mesmo no estágio inicial de sua escrita, não estiveram desligados totalmente do tratamento da atualidade israelense; os temas políticos e sociais penetraram nos contos de modo indireto, por meio de cargas simbólicas e alegóricas.

O tratamento, mesmo que crítico, dos problemas fundamentais da ideologia sionista vai se tornando mais óbvio a partir do final da década de 1960. Um romance como *Michael sheli* (“Meu Michel”), de Amós Oz, de 1968, traz uma realidade concreta, em que os acontecimentos políticos e o clima social ocupam um lugar central, aos quais a problemática pessoal e psicológica se vincula de forma não ape-

nas simbólica. Neste livro, o mais representativo da norma literária da geração, Oz enfatiza o tema político, abordando a realidade histórica da época de Jerusalém da década de 1950, assim como a Campanha *Kadesh*, nome hebraico da Guerra do Sinai, ocorrida em 1956. O tratamento do árabe insinuado nos contos anteriores de Oz, como em “Nevadim vatsafa” (“O nômade e a víbora”), e a crítica quase imperceptível à pobreza e à violência da sociedade israelense (o kibutz como representativo de uma vida de desolação, rompida por atos violentos) estão materializados em *Men Michel* explicitamente na imagem dos gêmeos árabes e no perfil realista da deterioração social e da Guerra do Sinai.

Guershon Shaked [1929-2006], um dos principais estudiosos e historiadores da literatura hebraica, referindo-se à dimensão social e política da literatura de então, escreveu em 1991, na revista *Alpaim*: “Os membros da geração anterior viram na luta pela sobrevivência judaica em Israel um ideal supremo [...] escritores como Yehoshua, Oz e outros [...] perguntaram se a luta pela sobrevivência valeu a pena”. A crítica e a análise dos valores convencionados na sociedade e na literatura israelense testemunham ainda a ligação e o compromisso dos escritores para com a sociedade e as concepções ideológicas que a conduzem. A posição subversiva se consolida com base neste compromisso e vinculação, ou seja, a partir da posição de “estar dentro” e pela crença na possibilidade de reabilitação dos valores que tinham entrado em colapso.

A literatura da década de 1960 transformou o trato da realidade social e política em uma das dimensões da temática existencial e psicológica central de suas obras. O ponto mais significativo aí é a ligação analógica ou simbólica entre o plano pessoal e o social, a oposição entre a natureza selvagem e a cultura desoladora, a sensatez e a loucura, a esterilidade e passividade, destruição e

violência; são forças que atuam tanto no indivíduo quanto na sociedade. Estas posições são perceptíveis em várias obras de destaque, como é o caso de *Hameavev* (“O amante”), de 1977, de Yehoshua. Aí os personagens já não acompanham o modelo da Geração da Independência construído sobre os valores do centro e do *ethos* israelense. Agora, justamente pela sua fraqueza e complicações, eles representam a situação israelense. Os conflitos que eles apresentam, edipianos, de relações entre gerações na família, aridez tanto sexual quanto psicológica, estreitamento da existência, sensação de sufoco pessoal, expressam simultaneamente o desligamento em relação ao passado e também ao futuro, em relação à sociedade contemporânea, o empobrecimento de uma existência que perdeu o amparo de valores.

O amante teve como pano de fundo a Guerra do Yom Kipur de 1973. O livro foi escrito em uma sequência de monólogos em primeira pessoa pelos seis personagens. Muitos eventos são abordados por mais de um personagem e apresentam pontos de vista diversos sobre uma mesma situação. Esta estrutura permite transmitir significados diversos pelo confronto entre os monólogos. O conhecimento total, não disponível aos personagens, apenas ao leitor, é de que a solidão é comum a todos.

O livro, cuja trama rica contrasta com a simplicidade de muitas obras da geração anterior, inicia-se no primeiro dia da guerra. Gabriel, que no passado viveu em Israel, chega da França para receber a herança da avó. Descobre que ela não morreu, porém leva uma vida vegetativa. Recolhe um velho carro dos bens dela. O dono da oficina, Adam, onde o carro deverá ser revisado, encaminha o rapaz para a guerra que, entretanto, nada representará para Gabriel já que, na primeira oportunidade, se bandeará para um grupo de religiosos e ali servirá de motorista.

A Guerra do Yom Kipur é captada no livro como um sintoma de doença, um elo em uma corrente de eventos que se solidificaram durante todos os anos da existência do país, particularmente entre as guerras de 1967 e a de 1973. À medida que se desenrolam os relacionamentos entre os personagens, a escrita expõe de forma clara ou simbólica eventos passados que servem para expor as falhas na vida da família de Adam e seus agregados, o que inclui um menino árabe, representativas dos marcos e fendas da história do país. Assim, a velha avó inconsciente, Vedutcha, nasceu em 1881, ano da imigração dos primeiros pioneiros da Rússia para a Palestina. Ela representa, deste modo, a própria imagem do sionismo contemporâneo, adormecido. O neto, Gabriel, representa a desvinculação do israelense que vive fora do país em relação às suas guerras e ideais. Sem saber o que e por que faz, coloca o “veículo” do sionismo (o carro da avó), não a serviço do esforço de guerra, mas, sim, da prática religiosa. Ássia, esposa de Adam, é professora de história, dedicada, capaz de insuflar a alma de seus alunos com os valores nacionais, com a finalidade de torná-los bons cidadãos, nacionalistas, idealistas. Sua casa, entretanto, é um agrupamento de pessoas que se desconhecem, quase se ignoram.

São temas centrais em *O amante*: impossibilidade de manter uma sociedade que apagou ou distorceu o passado, sem o qual ela é incapaz de construir sonhos em relação ao futuro ou manter uma existência significativa no presente; e descrição de uma realidade e uma sociedade cujas conquistas e sonhos são obtidos por meio da destruição e da guerra.

Ainda sobre a Guerra do Yom Kipur não se pode deixar de mencionar mais uma obra de S. Iz'har, *Guilui eliyabu* (“Revelação de Elias”, 1999). Trata-se de praticamente um documentário sobre a guerra a partir da viagem que Iz'har e mais dois oficiais/professores universitários realizaram de

carro de 1973 a 1974 pela frente egípcia de batalha para conversar com soldados e oficiais da Divisão 252. Os companheiros da missão educativa foram o radialista e homem da televisão Uzi Péled e o poeta Haim Guri.

Enquanto os livros ficcionais de Iz'har referentes à guerra mencionados anteriormente se ocuparam com a “pureza das armas”, este, que tem caráter diverso, praticamente não trata disto. O tom é, quase sem exceção, pacifista, com negação de todas as guerras, cancelamento da idéia que guerra é uma opção da ordem do dia de um povo. Repete-se no livro, com frequência, o lema de que sempre há algo mais precioso que a vida humana; sempre há quem envia as pessoas e elas vão. De ambos os lados vão, saem cheias de vida, sendo que isto não é obrigatório, nem por leis divinas nem por questões de destino. Nada disto vale a vida humana. O ponto de vista do autor é que há considerações sobre divisões, batalhões, mas não sobre a vida. Há ponderações sobre como avançar, como cercar, mas não há ponderações sobre a vida; o erro está na cegueira em relação à vida, na cegueira humana. Ainda, segundo a exposição de Iz'har, a guerra é uma decisão de que pedaços de terra são mais importantes do que gente e que a vida humana é o material mais barato disponível, e o mais incrível é que a guerra ainda seja considerada pelos governos como uma opção possível.

Para as gerações que foram educadas na leitura de *Hirbet Hizze* e *Os dias de Ziklag* e seus valores, não houve espanto com o que Iz'har escreveu, pois foi isto que a sua literatura ficcional ou documentária transmitiu, assim em 1949 como em 1999. Mas foi neste mesmo livro que o autor narrou ter presenciado espoliações de cadáveres de egípcios por parte de soldados israelenses, assunto não confirmado pelos outros membros da missão educativa. A celeuma despertada não cessa até o presente. Este livro tam-

bém foi levado à cena várias vezes, mesmo em 2008.

Além de *O amante*, 1977 trouxe à cena literária um dos mais importantes romances hebraicos: *Zichron dvarim* (“Memorando” ou, conforme o seu título na versão brasileira, “Passado contínuo”), de autoria de Yaakov Shabtai [1934-1981]. O livro basicamente se estende por um gigantesco mosaico de personagens, lugares e detalhes da realidade que representa a si mesma. Os aspectos social e particular foram construídos de materiais da realidade vigente. Saudades e perdas pessoais, ruptura ideológica, esperança de redenção substituída por passividade, estão distribuídas por dezenas de personagens, famílias, pessoas próximas e em três gerações e expõem o sonho sionista e sua ruptura. Três amigos, seus familiares, amores e angústias sustentam o âmago da trama.

O distanciamento, a exposição terrível à negação da existência que caracteriza os personagens centrais do livro é o alheamento da sociedade que perdeu a coesão ideológica que proporcionou sentido e sensação de união à vida; no presente, a sociedade se transforma em um conjunto de indivíduos isolados e errantes, cuja doença, a exemplo da doença da sociedade, é irreparável. Não se apresenta uma luta por uma recuperação possível, não há uma busca de alternativa de valores, mas um reconhecimento desesperado da necessidade do esfacelamento. Por este motivo destacam-se a ligação e saudade a um universo de valores que se perdeu, ao estar junto que compunha a sociedade, que materialize a era da inteireza pessoal. Ainda que de forma diversa, caberia aqui a repetição do verso de Guri mencionado no título deste apanhado, “e nos lembraremos de todos...”. Na percepção do esfacelamento que abrange todas as dimensões da existência, inclusive a experiência ideológico-social, a partir desta obra teve início um processo de despedida e desistência final também do próprio eu.

Shabtai abordou uma camada bem definida da sociedade israelense antiga, que se cristalizara antes da independência e que, nos anos que se seguiram a 1948, teve a sua estrutura desgastada, o que a condenou a uma deterioração pouco honrosa. Era a camada trabalhista-socialista, uma elite no país, cujas raízes pioneiras estiveram ligadas à terceira onda migratória, a dos anos 1920, e que se fortalecera pela consolidação dos partidos trabalhistas que nutriram as camadas dirigentes e que estabeleceram a imagem do israelense e suas concepções de “israelidade”.

Nas décadas finais do século 20, as principais alterações da sociedade israelense que se refletiram na literatura tiveram a ver com a guinada política que conduziu ao poder, a partir de 1977, governos predominantemente de direita, substitutos de décadas de primazia do pensamento trabalhista-socialista. Com isto, ascendeu uma das chamadas falsas minorias da população, a saber, a dos judeus orientais, aqueles provenientes de países árabes que, não sendo necessariamente uma minoria, foi como tal vista e tratada e também se viu como tal. Com este grupo destacou-se simultaneamente a ortodoxia religiosa, mentora daquele segmento da população, mesmo que não só dele. Passaram ainda a ocupar espaço na cena literária israelense autores e temas de gamas diversas que até então não tinham ocupado um espaço próprio compatível ou merecido atenção: mulheres e feminismo, religiosos, ateus, homossexuais, árabes, russos, moradores de assentamentos e outros. Paralelamente é preciso mencionar as inúmeras campanhas militares, em particular no Líbano, guerras, ameaças belicosas, inúmeros ataques terroristas, questões de territórios e de assentamentos. A par disto, é preciso levar em conta que o pensamento nacional como um todo ou por fragmentos foi atingido por pontos de vista desconhecidos em gerações mais antigas: dos novos

historiadores, dos pesquisadores da cultura, sociologia e literatura, por conceitos de multiculturalismo, por novas forças políticas de direita e esquerda (ONGs, por exemplo), por uma nação que abranja todos os seus habitantes. A “israelidade” social e literária do presente, incapaz de se conduzir pela antiga “narrativa sionista”, quase totalmente diluída, tem como limite principal o conflito árabe-israelense, o que não significa que autores não possam procurar dentro de um arsenal próprio e particular a sua forma de expressão.

Foi o que aconteceu com Amós Oz que, em *Sipur ahavá vehoshech* (“De amor e trevas”, 2001), depois de mais de quarenta anos de escrita, soube que era para a sua vida particular que devia se voltar na literatura, onde, entretanto, de modo algum descurou do pano de fundo israelense e sionista. Neste livro, do qual foram vendidos centenas de milhares de exemplares, Oz apresenta o seu lado particular de participação na vida sionista. Ele não veio do centro, sua família não era socialista-trabalhista, seus pais não foram pioneiros que vieram reconstruir o país ou lutar na Guerra da Independência. Ele foi da periferia do *establishment*. Após o suicídio da mãe narrado neste livro, depois de insinuado há muito em outras obras, Oz foi procurar o seu espaço no “centro”, no auge da adolescência, e transferiu-se para o kibutz. A informação sobre o número de exemplares vendidos não é gratuita. Estes leitores procuravam não somente um livro de um autor específico, mas também o ambiente em que este relato se desenvolveu, possivelmente comum também a eles, para compreender o que foi a chamada “narrativa sionista” anterior à independência e nos poucos anos após 1948 abordados na obra. Um dos melhores resultados de Oz neste livro foi conseguir traçar e estender a linha tênue entre a excitação e o pertencer ao país e a posição de eterno exilado, que foi o legado que recebeu dos pais. O teor das

centenas de cartas que o autor recebeu a respeito do livro, assunto comentado pelo crítico Yigal Schwartz (apud Avirama Golan), atestam que há muita gente que está ou se sente de algum modo na periferia e não tem a força e a capacidade de se expressar. Assim, tudo indica que *De amor e trevas* deu uma sacudidela na “narrativa sionista” para expô-la de novo ao público. Assim como S. Iz’har que, no papel a que se propôs de abordar o *ethos* israelense, iniciado com o épico da Guerra da Independência, *Os dias de Ziklag*, e encerrado no último dos livros mencionados, *Revelação de Elias*, uma elegia sobre a Guerra do Yom Kipur, em que derrubou crenças e valores que tinham vigido desde 1948, completou um grande círculo na literatura hebraica, Amós Oz, cuja produção continua de vento em popa, encerrou em *De amor e trevas* um ciclo revisitando o passado sionista e tentando passá-lo a limpo, mesmo que para isto tivesse sido obrigado a reabrir muitas cicatrizes próprias e alheias.

Um marco de milhares de exemplares vendidos serve para apontar a importância do tema de mais uma obra recente da literatura hebraica, da expectativa de como o assunto é tratado e de como os israelenses se vêem tocados e afetados por ele. Ron Lésheh [1976-], jovem jornalista e atualmente homem da televisão, escreveu *Im yesh gan eden* (“Existe Jardim do Éden?”, 2005) baseado em entrevistas que realizou com soldados que serviram na primeira guerra do Líbano no Castelo-Forte de Beaufort da época dos cruzados no sul daquele país. Foi seu primeiro livro e mereceu os principais prêmios do país. A história é contada na forma de um diário de um jovem oficial israelense que, alguns anos após a retirada dos soldados do legendário posto, quando tentavam evitar que terroristas do Hizbala atacassem o norte de Israel, retorna àquele ano de batalha e aos membros de sua patrulha. O pequeno grupo de soldados muito jovens está cercado de inimigos que

eles não podem ver. Todos estão “envenenados” pelo exército, para usar a expressão em voga para aqueles que nada mais têm em mente a não ser o próprio serviço militar; veem no jovem comandante Liraz, apenas dois ou três anos mais velho que eles, aquele que estabelece e cumpre as tarefas, seu confessor e a única esperança diante dos ataques vindos não se sabe de que lado e das missões que parecem destinadas a matá-los; a ameaça de morte é constante. Ali, na fortaleza de pedra, Liraz e seus soldados criaram seu próprio mundo, com regras e linguagem militar própria.

O romance foi escrito como um monólogo de Liraz, o mais “envenenado” de todos os soldados, conforme o dito de seus companheiros. Ele é um patriota fanático que está convencido da justeza das missões que lhe estabeleceram. Ele considera que o debate político que dividiu o povo à véspera da retirada do Líbano parece estar ferindo a motivação dos combatentes e rejeita opiniões de jornalistas e comentaristas que, em sua opinião, confundem e distorcem os fatos; ele se guia pelo lema muito distante, do início do século 20, que é bom morrer pela pátria. Simultaneamente ele é um personagem complexo, como se depreende da fala monológica ardorosa que se destaca pelo grande poder descritivo, humor, capacidade de analisar fatos e expressar sentimentos e principalmente pela sinceridade.

O valor principal trazido é a fraternidade entre os soldados, como aquela santificada pelo sangue do poema de Haim Guri, até atingir o ponto do amor. Liraz está disposto a morrer pelos seus soldados e considera que estes fariam o mesmo por ele. À morte de cada um deles atingido por algum míssil, segue-se uma conhecida brincadeira macabra comum entre os soldados, de “Ele não vai mais...” (não vai mais estudar, passear, namorar...), destinada a preservar a lembrança do morto e a ajudar a se sobrepor aos medos. Beaufort é um inferno no

meio do “Jardim do Éden” que é (ou foi) o belo solo libanês. É o lugar onde morreram os melhores companheiros, mas também é o lugar mais significativo de sua vida. Com a guerra sendo ela própria a expressão suprema da vida, algo que fica patente tanto no livro como no filme *Beaufort*, de Joseph Cedar e do próprio Léssem, de 2007, baseado no livro, também merecedor de importantes prêmios, o que transparece em ambos é a sensação de alienação. Os soldados do forte estão desvinculados do tempo, do país, até do próprio exército, como se o concreto que os protege coíba o seu contato com o mundo; desvincularam-se da sociedade israelense. Apesar de estarem no Líbano, nada sabem sobre o país, nem pensam a respeito ou discutem o que a sua presença representa para o mesmo. Somente sabem que Beaufort é um local pelo qual devem combater. A ironia do título do livro, *Existe Jardim do Éden?*, é mais do que explícita. Se existe um paraíso, é o da alienação, que, pensando sobre o livro e sobre uma expressão em hebraico, se liga facilmente com a expressão hebraica “*gan éden shel tipschim*” (“paraíso dos tolos”).

As abordagens pertinentes aos temas mais cruciais da realidade israelense são das mais diversas, extremas até, como as adotadas por escritores como Orly Castel-Bloom [1960-] e Etgar Kéret [1967-]. Castel-Bloom, com o cinismo que lhe é habitual, trouxe, em *Halakim enoshiim* (“Partes humanas”, 2002), uma situação tão absurda quanto o próprio título sugere, a ponto de quase se querer considerar o livro todo como absurdo: o pano de fundo é um inverno congelante inimaginável, quando grassa uma forte gripe chamada de saudita. Neste contexto o leitor é quase levado a sentir que os demais aspectos da obra – cenas de atentados terroristas mostrados *ad nauseam* na televisão, desemprego, fazem parte da uma mesma ficção, algo que não corresponde à realidade. É a mídia televisiva que

dá o tom do que acontece no país; a pobreza e os pobres são atração de programas, assim como os atentados e as visitas formais de condolências realizadas pelas autoridades, as sombrias previsões meteorológicas, como se não houvesse algo de positivo a ser mostrado. Reina uma sensação de desintegração e falta de responsabilidade geral. As ameaças extremas, que parecem apenas hipotéticas e distantes, estão na prática muito mais próximas e, por mais fantasmagóricas que se apresentem, são, na verdade, parte da realidade que todo israelense vivencia. Pode-se quase definir o universo israelense contemporâneo não mais como kafkiano, mas como castel-bloomiano.

Etgar Kéret, por sua vez, o escritor predileto dos jovens, destacou-se em especial quando no mundo de circo que é a base de seus contos e novelas, conseguiu expor o esboroamento das situações com cenas *nonsense*. A fraternidade predomina, mesmo quando alguém do grupo se vai, algum soldado do mesmo batalhão, geralmente por meio de um suicídio. E não é preciso formular perguntas a respeito. É uma outra vertente da camada militar do país. Kéret começou a escrever durante o serviço militar e foi lá que ele teve seu primeiro grande contato com angústias e desespero. Seu melhor amigo ali se suicidou. A mesma brincadeira mencionada na obra de Léshem assume um aspecto diferente: aqui o companheiro morto participa da vida dos vivos seja por meio de sessões espíritas (!) ou em uma trama que se desenrola em um espaço em que todos se suicidaram, descrito como uma espécie de colônia de férias que, no comentário dos moradores, não difere nada de Tel Aviv ou de alguma outra cidade. “Hadjanana shel Nimrod” (“A doideira de Nimrod”), *Hakaitaná shel Kneler* (“O acampamento de Kneler”, 1998) são alguns dos exemplos. Drogas são outro caminho para escapar das angústias de um universo trágico pintado com todos os tons da

zombaria. Figura alguma escapa: no conto “Rabin morreu”, Rabin é o nome de um gato morto por um motociclista; recusaram chamá-lo de Shalom porque é nome usado por judeus orientais, subentende-se, um nome menor; segundo o jovem narrador, se ele tivesse sido denominado de Shalom (paz), nada teria lhe acontecido. Árabes são figurantes nas tramas de Kéret; podem tanto fumar ou jogar cartas junto com os protagonistas israelenses como também podem receber uma marretada na cabeça sem justificativa para tal.

Duas obras recentes de A. B. Yehoshua expõem outros aspectos da dolorosa realidade israelense, sempre ante panos de fundo de aspectos diversos de atentados, ações militares e assemelhados. *Sblichutô shel hamemunê lemash’abei enosh* (“A mulher de Jerusalém”, na versão brasileira), de 2004, traz a história de uma imigrante, moradora temporária do país, morta em consequência de um atentado terrorista. Apesar de ser esta a sensação que se obtém sobre o seu óbito, um detalhe que quase passa despercebido esclarece que ela morreu de uma infecção ocorrida após o atentado. Mas a sensação passada é que foi vítima de atentado. Proveniente de alguma república da ex-União Soviética, não permaneceu no país porque era judia, pois não o era, porque desejava trabalhar para fazer um pé-de-meia, ou porque estava vinculada a alguém em particular do país. Conduzida de volta para o seu lugar de origem pelo encarregado de recursos humanos da panificação onde trabalhava, a figura de Iulia Ragaiev desperta a curiosidade, já que a sua velha mãe insiste em que ela deve ser enterrada em Jerusalém, numa vinculação quase mística com o país, como se coubesse também a cristãos uma parte no sofrimento subjacente à existência do país. Os sentimentos de constrangimento em relação à morte de Iulia, uma mulher desconhecida de quase todos os envolvidos na parte israelense da trama,

levantam pontos de vista variados em relação à questão de pertencer ao país.

Mais recentemente destacou-se *Esh yedidutit* (“Fogo amigo”, 2007), também de Yehoshua, que igualmente trata de questões que tocam à identidade e a existência de Israel. Os nomes de dois dos personagens, dois cunhados, Amots e Yirmi, ecoam os nomes de dois grandes profetas bíblicos, Isaías, filho de Amots, e Jeremias, os profetas do consolo e da destruição. Yirmi é um pai que perdeu o filho por “fogo amigo”, isto é, disparado pelos companheiros durante uma ação para capturar inimigos. Parte do livro trata da questão relacionada com o papel do filho e sua morte. Isto acaba por conduzir o pai à casa da família palestina em cujo telhado o filho se encontrava na hora da ação. A conversa com a família fá-lo pensar em chegar ao extremo de se desvincular de Israel; no período descrito no romance, Yirmi se encontra na Tanzânia. As suas viagens de busca após a morte do filho levam-no à compreensão tardia que não há culpados nesta morte, pois todos o são em igual medida.

Nos dias de êxtase após a vitória de Israel na guerra dos Seis Dias, em 1967, Amós Oz foi um dos primeiros a advertir sobre as consequências morais e estratégicas da ocupação militar; no final da década de 1970 ele foi um dos fundadores do grupo de esquerda Paz Agora, que advogou a retirada israelense da Margem Ocidental. As manifestações políticas de Yehoshua também são constantes. David Grossman, que com Oz e Yehoshua compõe o trio de maior destaque nas letras e com forte representação política, sempre demonstrou preocupação com a ubiquidade da morte na vida dos israelenses e palestinos. Quando, em agosto de 2006, o gabinete israelense autorizou a invasão do Líbano, poucos dias após a morte de três soldados israelenses e sequestro de outros dois, cujos corpos foram devolvidos em 2008 em troca de criminosos

palestinos libertados da prisão israelense, os três autores, ante o desenrolar dos fatos, convocaram uma entrevista coletiva com o apelo por um cessar-fogo. Cumpriam, como escritores em Israel têm sempre feito, um papel na vida moral e política de seu país. Grossman, em particular, considerou que a guerra devia ser cessada para o bem do país todo.

Naquela ocasião ele ultimava o seu livro que viria a ser publicado em 2008, *Isbá borahat mibessorá* (“Uma mulher foge da notícia”). O título é bastante explícito da situação que atinge a muitos; se não há como escapar dos acontecimentos, dos embates militares ou atentados mais ou menos frequentes, talvez seja possível evitar saber deles ausentando-se para não receber notícias fúnebres.

Ora, mulher na faixa dos cinquenta anos, separada, é uma mãe de dois filhos, que combinou viajar com o mais novo deles pela Galileia quando ele der baixa do exército. Ao invés, ela o conduz a um posto do exército estabelecido devido aos atentados, de onde ele sairá para uma última missão. O grande medo de Ora é receber uma má notícia sobre o filho; soma-se a dor de ter sido ela própria aquela que o conduziu para a missão; ela não se conforma de ter obedecido a tudo, a eles, àqueles que o enviaram para lá. Na prática, é ela que leva o filho para a batalha, a “akedá”, a condução ao sacrifício ao estilo do Isaque bíblico. E quando o filho se despediu dela, sussurrou-lhe ao ouvido um pedido: se algo acontecesse a ele, queria que ela fosse embora do país. Assim, Ora decide fugir de casa e fazer uma viagem com Avram, amor e companheiro da juventude e, por acaso, o verdadeiro pai deste filho; na longa viagem ela fala e conta sem cessar sobre este filho, com a sensação de que desta forma o ajudará de alguma maneira a sobreviver aos combates.

Grossman começou a escrever o livro há cinco anos e, segundo ele mesmo, com o mesmo pensamento mágico que a escrita protegeria o seu filho,

que então se alistara. Mas o filho de Grossman foi morto nas últimas horas da segunda guerra do Líbano. A maior parte do livro já estava completada então.

Esta é seguramente a obra atual mais impactante sobre o status de Israel ante as suas guerras e sacrifício de seus jovens e familiares. Expressa grandes dores e muitos pensamentos tocantes. O temor e a preocupação da mãe, e de todas as mães do país não permitem que o leitor fique incólume durante e após a leitura.

O início da obra se dá com Ora e seus dois companheiros, aquele que viria a ser seu marido, Ilan, e Avram, hospitalizados em Jerusalém por alguma doença durante a Guerra dos Seis Dias de 1967. Estão em quartos totalmente obscurecidos devido ao blecaute da guerra, simbólico da cegueira que ela representou para os israelenses. Anos depois, Avram sofrerá grandes abalos devido aos sofrimentos passados quando foi prisioneiro de guerra no Egito, na Guerra do Yom Kipur. E no tempo presente da trama, o marido e o filho mais velho, Adam, estão distantes, viajando. Um Avram que sobrevive à custa dos remédios que o mantêm de pé, acompanha a viagem de Ora pelo país, pontilhada por belas descrições da terra; ele parece seguir a sina do Avram bíblico, cujo nome ainda não foi ampliado para Avraham, pai de uma grande nação. Resta-lhe viajar e ser o receptor das histórias relatadas por Ora do passado e que, de certa forma, são a história do futuro, do qual é impossível escapar: mesmo se não se está em casa, a má notícia acaba chegando.

Mais do que qualquer outro livro publicado anteriormente, *Uma mulher foge da notícia* está conseguindo ser aquele que vem concentrando com maior intensidade uma única linha de pensamento sobre a situação e perspectivas de Israel. A mensagem de Grossman é de que todos têm culpa pela morte dos filhos. Ou como disse a combativa jornalista

Ilana Dayan (apud Rivka Sne) por ocasião do lançamento do livro, “uma mulher foge da notícia e o Estado foge de [assumir] uma atitude”. Pode-se também ficar com as palavras da jornalista Ariana Melamed: “Grossman lança contra os seus leitores, página após página, o preço de suas guerras, o preço do seu silêncio, o preço de sua convivência com a ‘situação’, tal como ela se nos impõe.” É um livro pesado porque não há nenhum consolo nele, nem significado para o sacrifício, para a morte do filho, ou para o sofrimento. É o que Grossman tem a dizer para o momento.

Como no conjunto de obras arroladas aqui, às quais muitas outras poderiam ser agregadas, Grossman fez uma tentativa de dizer tudo à sua moda. Escrever é uma possibilidade de estabelecer uma ordem coerente na realidade, dar-lhe um significado e um propósito para não permitir que o caos e a catástrofe se sobreponham. O modo de dominar a realidade é narrá-la. O verso de Guri que serviu de mote a este texto, “e nos lembraremos de todos”, vale, segundo o que se lê na literatura hebraica dos últimos sessenta anos, tanto para falar da glória e heroísmo dos que tombaram na criação e manutenção do Estado de Israel, como para que se reflita sobre o que subjaz à israelidade contemporânea, em particular os tabus que fazem a nação hebraica estremecer: suas lutas e guerras, exército, a própria existência e sobrevivência do país.

Resta perguntar: para que ou para quem servirá o verso “E nos lembraremos de todos” no futuro?

REFERÊNCIAS

BUKAI, Rafi. *Avanti Popolo*, 1986 [filme].

CASTEL-BLOOM, Orly. *Halakim enoshiim*. Tel Aviv: Kinéret, 2002. [Edição brasileira: *Partes humanas*. Trad. Viviane Gouveia. Rio de Janeiro: Imago, 2003.]

CEDAR, Joseph. *Beaufort*, 2007.

GOLAN, Avirama. "Haim hassipur shelo hu hassipur shelanu" in *Haaretz*, 31/8/2005.

_____. "The elemental Yizhar" in *Haaretz*, 25/8/2006.

GROSSMAN, David. *Ishá borahat mibessorá*. Tel Aviv: Hakibutz Hameuhad, 2008.

GURI, Haim. "Hareut" in *Ad alut hashahar*. Tel Aviv: Hakibutz Hameuhad, 1950.

_____. "Hinê mutalot gufoteinu" in *Pir'hei esh*. Merhavia: Sifriyat Poalim, 1949.

IZ'HAR, S. *Hirbet hize*. Tel Aviv: Sifriyat Poalim, 1949.

_____. *Yemêi tsiklag*. Tel Aviv: Am Oved, 1958.

_____. *Guilui eliyahu*. Tel Aviv: Zmora-Bitan, 1999.

KANIUK, Yoram. "Wise we were not" in *Nextbook*, 1/8/2008. Disponível em: www.nextbook.org/cultural. Consultado em: 1/8/2008.

KÉRET, Etgar. "Hadjanana shel Nimrod", "Hakaitaná shel Kneler" in *Hakaitaná shel Kneler*. Tel Aviv: Keter, Zmora-Bitan, 1998.

_____. "Rabin met" in *Anihu*. Tel Aviv: Zmora-Bitan, 2002.

KRISTAL, Meirav. "Hasséret shelo ratsu shenir'ê" in *Yediot Aharonot*, 14/2/2007.

LAOR, Yits'hak. "Banu, yarinu, sarafnu, putsatsnu, hadafnu vedahafnu vehiglenu" in *Haaretz*, 22/8/2006.

LÉSHEM, Ron. *Im yesh gan eden*. Tel Aviv: Zmora-Bitan, 2005.

MELAMED, Ariana. "Mehir hashtiká" in *Yediot Aharonot*, 3/4/2008.

OZ, Amós. "Nevadim vatsefa" [1963] in *Artsot hatan*. Tel Aviv: Massada, 1965. [Edição brasileira: "O nômade e a víbora" in *O novo conto israelense*. Coord., seleção, orientação das trad. Rifka Berezin. São Paulo: Símbolo, 1978.]

_____. *Michael sheli*. Tel Aviv: Am oved, 1968. [Edições brasileiras: *Meu Michel*. Trad. Sônia Boguchwal/Nora Rosenfeld. São Paulo: Summus, 1982. / *Meu Michel*. Trad. Milton Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.]

_____. *Sipur al ahava vehoshech*. Jerusalém: Kéter, 2002. [Edição brasileira: *De amor e trevas*. Trad. Milton Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.]

SHABTAI, Yaakov. *Zichron dvarim*. Tel Aviv: Hakibutz hameuhad-Siman kriá, 1977. [Edição brasileira: *Passado contínuo*. Trad. Nancy Rozenchan. Rio de Janeiro: Imago, 1996.]

SHAKED, Guershon. "Or vetsel, ahdut veribui" in *Alpayim*, 4, 1991.

SHAMIR, Moshê. *Hu halach bassadot*. Tel Aviv: Am Oved, 1948

_____. *Hu halach bassadot* [peça], 1948.

_____. *Hu halach bassadot* [peça radiofônica], 1960.

_____; MILO, Yossef. *Hu halach bassadot* [filme], 1967.

_____. *Sdot 87* [peça radiofônica], 1987.

SNE, Rivka. "Yesh lahem erets aheret" in *Makor rishon*, 1/5/2008.

YEHOOSHUA, A. B. *Hameahev*. Jerusalém: Shocken, 1977. [Edição brasileira: *O amante*. Trad. Rifka Berezin, Nora Rosenfeld, Nancy Rozenchan. São Paulo: Summus, 1984.]

_____. *Shlihutô shel hamemunê al mash'abei enosh*. Tel Aviv: Hakibutz Hameuhad, 2004. [Edição brasileira: *A mulher de Jerusalém*. Trad. Nancy Rozenchan. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.]

_____. *Esh yedidutit*. Tel Aviv: Hakibutz Hameuhad, 2007.

ZIFFER, Benny. "Mourning the culture of crumbs" in *Haaretz*, 25/8/2006.